

Índice

Fartos de trabalhar (tanto)?	1
Pais revoltam-se contra doutrinação sexual dos seus filhos	2
“No me lamento”	3
“Hotel Mumbai”	4

Fartos de trabalhar (tanto)?

A falta de motivação e de compromisso laboral é um problema generalizado nas sociedades desenvolvidas. Segundo os [dados](#) publicados pela Gallup, apenas um em cada três empregados nos Estados Unidos afirma estar comprometido com o seu trabalho. A situação no plano mundial é ainda pior: no conjunto de 142 países estudados, somente 13 % dos trabalhadores afirma sentir-se envolvido com o seu trabalho.

Aquilo que é conhecido como estar ‘de corpo presente mas de alma ausente’ tem consequências devastadoras para as empresas. Prosseguindo com os dados da Gallup, estima-se que esta falta de motivação nos seus empregados custa às empresas norte-americanas entre 450 000 e 550 000 milhões de dólares por ano. Mas são também os próprios empregados que se veem prejudicados.

Jeffrey Pfeffer, autor do livro “Dying for a paycheck”, não tem dúvidas em [referir](#) que o trabalho é uma das principais fontes de doenças e problemas na nossa sociedade, sendo concretamente a quinta causa de morte prematura nos Estados Unidos.

Num [estudo](#) publicado pela McKinsey & Company em 2016, salienta-se como aqueles empregados que afirmam estar intrinsecamente motivados se encontram também 32 % mais comprometidos com o seu trabalho, 46 % mais satisfeitos com ele, sofrem significativamente de menor *stress* e têm um desempenho 16 % melhor.

A que se deve esta falta de motivação? Não há uma resposta simples. Segundo diversos autores, durante as últimas décadas proliferaram trabalhos que não trazem quase nada em termos de valor. É o que argumenta o economista David Graeber no seu livro “Bullshit Jobs”, recentemente publicado. E, de novo, os dados parecem corroborar esta teoria: numa [sondagem](#) realizada em 2015 no Reino Unido, 37 % dos inquiridos afirmaram pensar que o seu atual trabalho não contribuía para a sociedade de modo significativo.

Por outro lado, não deixa de chamar a atenção que esta problemática tenha surgido, provavelmente, no momento de maior criação de riqueza da história, e – ainda mais relevante talvez – unicamente em sociedades desenvolvidas. Na esteira de Abraham Maslow, parece evidente que, uma vez cobertas as necessidades próprias a um determinado nível, o homem lança-se prontamente a satisfazer as mais elevadas. Neste caso, juntamente com as prestações clássicas do trabalho, espera-se agora que a profissão satisfaça também a questão do sentido.

A ênfase com que esta dimensão espiritual do trabalho é acolhida atualmente supôs, por sua vez, a redefinição das aptidões necessárias para o desempenho com sucesso de qualquer profissão. Fazer um trabalho com sentido, sentir-se parte de uma equipa e de um projeto relevante, ou escolher a profissão que mais se enquadre com cada um, são alguns exemplos desta remuneração não material que muitos trabalhadores procuram hoje.

Ora, conseguir muitos destes objetivos exige uma série de aptidões completamente diferentes das que tradicionalmente se pediam no mundo empresarial. Trata-se das chamadas *soft skills*, ou aptidões brandas, e consistem em competências de tipo social, interpessoal ou comunicativo. Entre elas destacam-

-se especialmente as referentes à inteligência emocional, como o conhecimento próprio, a assertividade ou a auto-estima.

O desenvolvimento destas competências pode ser de grande utilidade para criar ambientes de trabalho mais atrativos e saudáveis. Ao fim e ao cabo, a prática destas aptidões brandas tem como objetivo aproximar-nos das pessoas – melhorando a nossa capacidade de comunicação, de compreensão, fomentando um tratamento mais humano, etc.; e são as relações com os que nos rodeiam as que em grande parte nos fazem desfrutar do trabalho que fazemos ou aborrecer-nos com ele. Não é em vão que o relacionamento com o chefe e os companheiros aparecem como os elementos mais determinantes nas listas dos [inquiridos](#) de satisfação laboral, acima do horário ou da remuneração recebida.

Vendo bem, a crescente atenção que este tipo de aptidões tem vindo a receber, revela-nos já que esta crise laboral não corresponde tanto a *como* estamos a trabalhar, mas ao lugar que ocupa o trabalho nas nossas vidas. Num [estudo](#) feito recentemente pelo Pew Research Center sobre a ansiedade juvenil, 95 % dos inquiridos afirmavam que “ter um trabalho ou uma carreira de que gostassem” era “extremamente importante” para a sua vida adulta, acima de outras prioridades como “ajudar os necessitados” (81 %) ou “casar-se” (47 %). Por outras palavras, os jovens dão prioridade a atividades que lhes proporcionam uma satisfação pessoal, sobrepondo-se às que procuram servir os outros. Mas uma cultura que somente entende o desenvolvimento pessoal numa perspetiva profissional e individualista, limita-se a lançar as bases para uma grande decepção coletiva e uma inevitável epidemia de frustração, *stress* e ansiedade.

É verdade que nas economias de alguns países desenvolvidos o trabalho ganhou uma dimensão mais espiritual, afastada das necessidades mais básicas que noutras regiões ainda são prementes. Esta situação possibilita-nos cultivar talentos e aptidões mais nobres através do nosso trabalho, mas agrava o risco de compreendê-lo como algo que tem a ver com uma exclusiva expressão pessoal, desligada das relações sociais que alargam e enriquecem o espírito. A entrada em cena destas ‘aptidões brandas’ dão boa prova disso, e fazem-nos recordar que, entre as pessoas, não se deve falar de ‘crescimento pessoal’, ‘satisfação laboral’ ou ‘desenvolvimento profissional’ se não for numa relação com os outros.

S. M.

Pais revoltam-se contra doutrinação sexual dos seus filhos

[Parkfield](#), uma escola do ensino primário situada num bairro pobre de Birmingham, converteu-se em notícia nacional devido à recusa das famílias a que seja dado aos seus filhos um programa sobre homossexualidade e transexualidade. Decorreram manifestações com cartazes às portas da escola, a retirada das crianças num dia, polémica na imprensa... Como tema de fundo: quem decide o que se ensina às crianças em assuntos que têm a ver com atitudes morais e concepções da família?

No bairro, vivem na sua maior parte minorias étnicas, sobretudo de origem paquistanesa. Aí, a maioria das famílias são muçulmanas, embora também haja cristãs. Parkfield conta com mais de 700 alunos, dos 4 aos 11 anos. E as famílias teriam motivos para estar contentes, pois trata-se de uma escola com bom nível académico, o que não é frequente num bairro pobre.

O choque com as famílias surgiu quando neste ano letivo se começou a dar um programa, “No Outsiders”, que pretende educar as crianças sobre a aceitação dos diversos tipos de família e os diversos relacionamentos sexuais, e a não discriminação de pessoas que sejam *gays* e transexuais. O programa foi criado pelo diretor adjunto da escola, Andrew Moffat, *gay* assumido. Autor de “Challenging Homophobia in Primary Schools”, já teve de se demitir de um lugar de professor noutra escola, depois dos pais terem criticado as suas aulas com estas características.

A escola diz que o programa “No Outsiders” pretende apenas inculcar tolerância, igualdade e não discriminação dos *gays* e transexuais. Mas os pais encaram-no de outro modo. Consideram que se trata de promover a homossexualidade como algo normal, o que choca com as suas convicções. E advertem que enviam os seus filhos à escola para que lhes ensinem inglês, matemática e ciências, não para que se lhes fale dos direitos LGTB.

“Educar, não doutrinar”, “Não à promoção da homossexualidade entre os nossos filhos”, dizem nos cartazes com os quais se manifestaram por várias vezes, centenas de pais e mães diante da escola. Também retiraram os seus filhos da escola um dia. Se noutros sítios, às sextas-feiras, os alunos fazem greve para exigir medidas contra a mudança climática, as famílias de Parkfield fazem-na para que não lhes mudem as ideias dos seus filhos. Também houve declarações a favor e contra na imprensa. Os meios de comunicação social de esquerda, como o [The Guardian](#), que normalmente advertem para o risco de islamofobia, não tiveram dúvidas neste caso em colocar no pelourinho a “intolerância” destes pais muçulmanos.

O que questionam os pais, em primeiro lugar, é que a crianças do ensino primário, que nem sequer chegaram à puberdade,

se lhes fale de *gays* e transexuais, ou de pais do mesmo sexo. Quando a criança chega a casa e mostra o seu espanto porque na escola ouviu dizer que um menino pode ser uma menina, e uma menina um menino, os pais ficam revoltados.

Neste programa, utilizam-se livros para crianças de quatro e cinco anos que pretendem sensibilizá-las com a ideia de que há diversos modelos de família. “Algumas famílias são grandes, outras pequenas... algumas têm um padrasto ou madrastra, algumas adotam crianças... algumas têm duas mães ou dois papás, algumas têm um só dos pais em vez de dois...” Mas o autor do livro esqueceu que também existem famílias que consideram admissível a homossexualidade e outras que não, famílias para as quais o normal é ter papá e mãe e não outras combinações.

Daí, as famílias opõem-se a que na escola se ensinem valores contrários ao que se inculca e se vive em casa, e incompatíveis com os ensinamentos do Islão. Como diz Ahmed, um dos líderes do protesto: “Moralmente, não aceitamos que a homossexualidade seja uma relação sexual válida. Isto não é homofobia... do mesmo modo que se alguém não acredita no Islão, nem por isso é islamófobo”.

O choque entre as famílias e a escola é considerado um teste não apenas local, porque a partir de 2020 a cadeira “Relationships and Sex Education” (RSE) será obrigatória nas escolas de Inglaterra. Os pais terão direito a retirar os seus filhos das aulas de educação sexual até aos 16 anos, e depois a decisão caberá ao aluno. Mas não se pode retirar o aluno da cadeira enquanto tal.

O conflito trouxe à luz do dia um problema de fundo: deve prevalecer a autoridade paterna ou a da direção escolar em assuntos que têm a ver com a educação moral dos filhos? Não se questiona que sejam ensinados factos biológicos sobre a sexualidade. Mas quando se trata de proporcionar às crianças não já dados científicos mas critérios morais, os pais pedem que se respeite o seu papel de primeiros educadores dos seus filhos, sem que a escola contradiga as suas convicções.

Mas, como escreve Brian O’Neill em “[Spiked](#)” (6.3.2019), hoje em muitos programas de educação sexual, observa-se que se utilizam as crianças desde muito pequenas para promover mudanças no conjunto da sociedade. “Talvez receando que não poderão convencer os adultos de que a transexualidade é uma boa ideia, ou que um menino de seis anos pode ser *gay*, os novos instrutores morais procuram inculcar nas crianças essas ideias com a esperança de que se infiltrem em casa e nos estúpidos cérebros dos adultos”.

Inversamente, os defensores do programa sentiram-se escandalizados quando a escola decidiu suspender as aulas. Na sua opinião, neste aspeto, trata-se de ensinar algo que pertence “aos valores britânicos”. Ao que Fatima Shah, uma das mães críticas, responde: “Não temos nenhum problema em que se ensinem os valores britânicos, mas isto não é

ensinar os valores britânicos, mas promover a homossexualidade”.

Neste tema, a esquerda multiculturalista está presa num dilema. Em teoria, defende que se devem respeitar os valores próprios de cada cultura, sem impor a hegemonia de valores do país de acolhimento; mas neste caso exigem que a cultura alheia se submeta à sua. Em nome do respeito pela diversidade sexual, ignoram a diferença de pontos de vista das famílias nestes temas. Porque também não pode ser dito que entre os próprios britânicos haja unanimidade a este respeito.

A escola procura agora um acordo com os pais. Um porta-voz do Ministério da Educação adotou uma posição conciliadora. Por um lado, mantém que “o Ministério fará tudo o que for necessário para que os professores possam fazer o seu trabalho, livres de qualquer intimidação”. Simultaneamente, afirma que “é o momento das escolas consultarem os pais sobre como devem ser ensinados os novos temas”.

O Ministério receia que a resistência dos pais nesta e noutras escolas faça fracassar a introdução da cadeira de RSE em 2020. De facto, outras quatro escolas de Birmingham interromperam este tipo de aulas devido a queixas das famílias. Se isto for interpretado como uma “capitulação” perante os pais, é sinal de que se está a fazer com as crianças algo que os seus pais não querem.

I. A.

“No me lamento”

Autor: Fernando de Haro
Elba. Barcelona (2018)
224 págs.

Há sete anos, o jornalista Fernando de Haro encetou um ambicioso projeto. Queria fazer uma radiografia do mundo para identificar aqueles lugares onde os cristãos eram perseguidos pela sua fé. Fê-la à distância, e apresentou-a em “[Cristianos y leones](#)” (ver “Aceprensa”, 13.6.2013). Mas, quando terminou, deu-se conta de que não podia falar de uma realidade sem se aproximar dela, sem falar com os seus verdadeiros protagonistas. Tomou então consciência de que devia ir aos lugares onde estava a acontecer a perseguição.

Desde essa altura, viajou ao [Egito](#) (ver “Aceprensa”, 27.5.2015), [Nigéria](#) (ver “Aceprensa”, 3.1.2017), Índia, Síria, Iraque, China e Terra Santa. Emulando Heródoto e Ryszard Kapuscinski, os seus trabalhos literários ou audiovisuais

descrevem uma realidade não suficientemente conhecida e converteram-se numa referência do jornalismo de campo e de um trabalho de correspondente com cariz humanitário, numa época em que o confortável é fazer tudo através do ecrã. O autor de “No me lamento” denuncia a perseguição dos cristãos no mundo, mas os seus textos constituem também uma reivindicação do bom jornalismo que deveria ensinar-se nas universidades.

A expedição que o jornalista narra neste livro, acompanhado como sempre pelo seu inseparável amigo Ignacio Giménez Rico, fotógrafo e realizador, tem como destino a Índia, um país para o qual, como explica, é muito fácil viajar como turista, mas que se torna muito difícil visitar se a intenção for denunciar as penosas condições em que vivem algumas minorias.

Estas páginas introduzem o leitor no contexto cultural da Índia e nos seus paradoxos. Trata-se de um país onde convivem duas realidades contrapostas: a miséria mais absoluta e níveis de criatividade e inovação empresarial próprios da vanguarda mundial. Mas o que interpela Fernando de Haro é a sociedade de castas em vigor. Nesse emaranhado de receios, normas e desprezos, o mais significativo é que a crueldade com que são tratados os párias – *dalits* –, situados no último degrau da escada social, agudiza-se se estes abraçarem o cristianismo, algo terminantemente proibido para os hindus.

Apesar disso, nas conversas que o autor teve com algumas das pessoas assediadas devido à sua fé, aflora sempre uma ideia que Meena Barwa, uma religiosa pequena, verbaliza com um “não me arrependo”, expressão que mostra o que a fé em Jesus Cristo significa para eles e que nenhuma forma de assédio – nem atentados, nem violações – pode extinguir.

O testemunho de tantas pessoas anónimas teve também um poder transformador para o próprio Fernando de Haro, pois permitiu-lhe passar de um olhar onde primava a denúncia, para outro que sublinha o grande tesouro de humanidade e de fidelidade destes mártires e testemunhas do século XXI.

A. L.



“Hotel Mumbai”

“Hotel Mumbai”

Realizador: Anthony Maras

Atores: Dev Patel; Armie Hammer

Duração: 122 min.

Ano: 2018

Em novembro de 2008, um grupo terrorista ataca vários pontos de Bombaim, na Índia. Alguns infiltram-se dentro do Hotel Taj e durante bastantes horas vão matando funcionários e hóspedes. O filme narra essa tragédia e como se organizam várias pessoas para escapar. Tudo começa com o responsável do hotel que junta vários dos seus empregados. Não os deixa entrar em pânico e seleciona os que estão dispostos a irem salvar o maior número possível de hóspedes. Lança-os então ao encontro dos clientes, procurando levá-los para uma zona segura e daí evacuá-los para a rua. Por outro lado, a polícia e um outro funcionário do Taj lutam por entrar na sala de vigilância do hotel. A partir daí, coordenam as operações de salvamento, localizando pelas câmaras de filmar, os atacantes e indicando as vias livres de fuga. Mesmo em momentos dramáticos, os vários empregados procuram atender bem os hóspedes e estes, por sua vez, correspondem com calma a esse bom atendimento. Há divergências, mas ultrapassam-nas, pois só apoiados uns nos outros é que se salvam.

No final, é significativo constatar que 21 meses depois, na reabertura do Taj, são muitos os hóspedes e empregados desse dia fatal que quiseram tornar a marcar presença!

Tópicos de análise:

1. Trabalhar por uma razão altruísta fortalece a motivação.
2. Possuir os dados relevantes é essencial ao tomar decisões.
3. Recusar cumprir ordens desumanas revela o valor do ser humano.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

